

SEXUALIDADES TRANS (ITÁVEIS): SOBRE PRAZERES, DESEJOS E HETERONORMATIVIDADES

TRANS(ITABLE) SEXUALITIES: ABOUT PLEASURES, DESIRES AND HETERONORMATIVITIES

Jaime Alonso Caravaca-Morera

Universidad de Costa Rica (UCR), San José, Costa Rica
jacamorera@gmail.com

Maria Itayra Padilha

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
mitayra.padilha@ufsc.br

Resumo: Pesquisa multicêntrica, com abordagem qualitativa que objetivou analisar as representações sociais da sexualidade de pessoas que se auto-identificam dentro do espectro transexual, por meio das suas histórias de vida. Participaram da coleta 70 pessoas transexuais do Brasil e Costa Rica. Os dados foram coletados durante o período 2014-2015 e posteriormente analisados de acordo com a Análise de Conteúdo de Bardin. Os resultados desvelaram uma representação social ligada ao plano individual com elementos vinculantes à satisfação, ao prazer e ao desejo; e uma segunda representação ligada ao âmbito coletivo com elementos associados ao controle social e ao poder da heteronormatividade nos dois contextos pesquisados. Conclui-se que as representações sociais da sexualidade são complexas e se expressam dentro de um âmbito necro-biopolítico de normatização e domesticação dos seus corpos e desejos. Adicionalmente, a visibilização das sexualidades trans cobra um papel fundamental porque se relaciona com o fato de manifestar sua existência e resistência.

Descritores: Transexualidade; Representações sociais; Sexualidade; Sociedade; História de vida.

Abstract: A multicentric research with a qualitative approach aimed at analyzing the social representations of sexuality of people who self-identify within the transsexual spectrum, through their life histories. The participants included 70 transsexual people from Brazil and Costa Rica. The data were collected during the period 2014-2015 and analyzed according to the Bardin Content Analysis. The results revealed a social representation linked to the individual level with elements binding to satisfaction, pleasure and desire; and a second representation linked to the collective scope with elements associated with social control and the power of heteronormativity in the two contexts surveyed. We conclude that the social representations of sexuality are complex and are expressed within a necro-biopolitical space of normatization and domestication of their bodies and desires. In addition, the visibility of trans sexualities takes on a fundamental role because it is related to the fact of manifesting their existence and resistance.

Descriptors: Transexuality; Social Representations; Sexuality; Society; Story of life.

Introdução

Até que ponto nossas sexualidades são imutáveis? Para muitos de nós, fica fácil desvelar a complexidade que essa pergunta representa ao não possuímos respostas práticas, concretas ou objetivas que decifrem tal enigma.

Dessa mesma forma, gostaríamos de anunciar preliminarmente (porque nosso compromisso ético assim o demanda) que as ideias descritas ao longo deste manuscrito, que objetiva analisar as representações sociais da sexualidade atribuídas pelas pessoas trans¹ brasileiras e costarriquenhas por meio das suas histórias de vida, em alguns momentos poderiam parecer abstratas, complexas ou difíceis de serem compreendidas.

Por essa razão, a bússola do seguinte texto pretende marcar um rumo menos errático do

¹ O termo "trans", no âmbito desta pesquisa, faz referência às pessoas que se autoidentificam como transexuais (trans-homens ou transmulheres). O uso deste conceito pretende desvelar maior fluidez semântica de modo que possa eliminar classificações excludentes.

que concreto. Talvez, por isso, sejam expostos muito mais questionamentos do que respostas sobre a volatilidade da sexualidade, do prazer, do desejo e da heteronormatividade como elementos intrínsecos no DNA dos corpos trans (e de outros muitos corpos).

Neste manuscrito especificamente, procuramos proclamar realidades nuas, desenhadas em torno de metáforas mais ou menos (in) concisas, de que a sexualidade que nasceu na adolescência da modernidade e vestiu seus melhores ornamentos nas festas do século XX, tem começado a ser resignificada e reinterpretada, talvez por excesso de exposição ou por ausência de significação (DÍAZ, 2014; ARGUELLO-PAZMINO, 2013).

Ainda podemos ver os vestígios de uma estimulante, porém conflitiva, sexualidade carregada de ambíguas formas de desejo, paixões e carícias. Contudo, não podemos deixar de visualizar e presenciar as novas formas de expressão de amor, atração e prazer que estão sendo desfrutadas por um grupo (bastante) significativo da nossa população.

Nesse exato sentido, e a partir de investigações preliminares, pode-nos parecer que a sexualidade como objeto de estudo é uma questão social inefável e que foi pouco conceitualizada no início dos tempos, já que não existem registros prévios do que nós consideramos sexualidade com anterioridade ao Iluminismo (Foucault, 2011). Por essa razão, a maioria dos teóricos da sexualidade coincidem em resenhar a enorme dificuldade do estabelecimento dos limites desse conceito nas suas pesquisas.

Assim, nesse terreno de (in)sutilezas, pretendemos nos deslocar neste texto pelos caminhos estreitos e tortuosos do prazer, do desejo e do poder heterocisnormativo, por meio dos inquietantes depoimentos de muitas pessoas trans lésbicas, homossexuais, heterossexuais, bissexuais ou pansexuais^{2*}, para ratificar (ou talvez simplesmente confirmar) não somente que a vivência da identidade de gênero é completamente diferente da que denominamos de identidade sexual do desejo, senão que também queremos explicitar a plasticidade, volatilidade, elasticidade e flexibilidade que o conceito da sexualidade possui ao possibilitar a manifestação de diversas expressões de desejo e satisfação.

Adicionalmente - e como mencionado anteriormente - a concepção da figura semântica da "identidade sexual do desejo" apareceu como um (neo)conceito desenvolvido e criado como consequência desta pesquisa. A bem da verdade e com o intuito de não cair em uma excessiva simplificação, entendemos por identidade sexual do desejo, a capacidade de responder eroticamente a determinados estímulos que possuem eficácia sensorial, ou seja, que são capazes de provocar uma reação sensitivo-perceptual e emocional.

Apoiados em ancoragens vivenciais não raro incomensuráveis, esta identidade se caracteriza pela ativação dos circuitos cerebrais responsáveis pelo desejo e atração, ou seja, do incremento da vontade de viver uma experiência de prazer erótico e de carinho com outro ser. Em suma, essa figura identitária inclui dentro da sua estrutura: a orientação do desejo, a ativação do prazer, o conceito de si (identidade sexual) e a identificação genérica.

Por fim, tentamos visualizar neste texto que a sexualidade humana é um canal de discursos e jogos imaginários permeados por diversos afetos e emoções inatos (e adquiridos) que formam parte da experiência humana a partir de uma realidade multidimensional, que exige diversos enfoques interseccionais e interdisciplinares (PRECIADO, 2003; BENTO, 2006).

Método

Esta pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória utilizou o Paradigma Teórico das Representações Sociais como referencial teórico e as histórias de vida completa como técnica processual para coletar os dados, por meio de uma entrevista a profundidade individual com cada participante no lugar e data preferido pelo/a^{3*} próprio/a interlocutor(a).

2 *Falamos aqui de uma panerótica relacionada com a atração sexual, romântica ou emocional entre personas sem distinção de sexo ou de identidade de gênero. Pessoas paneróticas podem se referir a si mesmas como gender-blind, afirmando que o gênero e o sexo são irrelevantes para determinar se eles irão se sentir atraídos.

3 * Utilizamos as/os com muito pesar, pois são termos que invisibilizam a aparição de autoidentificações com outras possibilidades não binárias. Porém, linguisticamente não contamos com outras possibilidades que permitam designar alguém sem fazer alusão a um dicotomismo sexual e genérico.

Para dito fim, utilizou-se um roteiro semiestruturado traduzido do português para o espanhol e avaliado linguisticamente e semanticamente por meio da realização de duas entrevistas-piloto na Costa Rica. Adicionalmente, foi realizado um grupo focal em cada país para validar os dados coletados e reafirmar as interpretações que estavam sendo realizadas.

Para aprofundar sobre o conhecimento comum da sexualidade entre as pessoas trans, o método de desenho por associação livre foi considerado como complemento das entrevistas realizadas a partir da palavra indutora “sexualidade”. A associação livre como método de coleta de dados é pertinente para as questões de investigação social por causa do seu caráter associativo, que estimula respostas espontâneas e pouco controladas.

A coleta de dados foi realizada durante os anos de 2014 a 2015, com um grupo de 70 pessoas trans do Brasil (35 - 29 transmulheres e seis transhomens) e Costa Rica (35 - 31 transmulheres e quatro trans-homens).

Cabe mencionar que se utilizou como critério teórico intencional a escolha desses dois países e dos idiomas: português e espanhol. Contou-se com a colaboração de duas organizações não governamentais: a Associação em Defesa dos Direitos Humanos com enfoque na Sexualidade (ADEH), localizada em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina – Brasil; e a *Asociación de Apoyo a la Población Trans*: (TRANSvida), situada na província de San José, capital da Costa Rica.

Os critérios de seleção dos participantes deste estudo foram: serem maiores de 18 anos, cidadãos e moradores desses dois países, tanto *transmulheres* (indivíduos que foram identificadas no nascimento como pertencentes ao “sexo” masculino e que se autoidentificam com o gênero feminino) quanto *trans-homens* (pessoas que foram identificadas no nascimento como pertencentes ao “sexo” feminino e que se autoidentificam com o gênero masculino), que se encontrassem no início, no meio ou no final do processo de *transição*, ou que não desejassem realizar nenhuma mudança física, mas que lutassem pela reivindicação do uso do seu nome e pronome social ou que se autoproclamassem pessoas pertencentes ao espectro trans, sendo excluídos os participantes intersexuais (pessoas que possuíam condições de ambiguidade genital de acordo com critérios anatômicos, histológicos e/ou citológicos).

O projeto foi avaliado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da UFSC, conforme Portaria 466/2012 do Conselho Nacional Saúde, diante a Resolução Nº 096.204/2014 – CAAD 37753414.1.0000.5355. Na sequência, foi explicado o objetivo da pesquisa às/os participantes, para posteriormente obter a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (espanhol e português).

As entrevistas e os grupos focais foram gravados e posteriormente transcritos. Com o intuito de garantir o anonimato e a reserva da sua informação, as entrevistas foram identificadas pelos termos trans-homem e transmulher, pela sua identidade sexual do desejo (heterossexual, homossexual, lésbica, bissexual e pansexual), por um número arábico, seguido pelo país de procedência e pelo ano de realização da entrevista.

Para analisar as associações livres dos entrevistados, estas se resumiram em uma matriz dividida em tópicos de acordo com os principais significados que seus desenhos representavam. Desta maneira, cada entrevistado recebeu um código na forma de trans-homem ou transmulher, seguido pelo país de origem e, finalmente, por um número arábico, de modo que cada associação pudesse ser relacionada com um (a) entrevistado (a) durante o processo de análise (BR: 1-35, CR: 1-35 - N = 70).

Finalmente, para responder e analisar concretamente à questão de pesquisa a análise seguiu uma abordagem descritiva e de conteúdo (Bardin, 2011) isto com o intuito de concretizar a exploração e interpretação real dos conteúdos das representações sociais expostas pela (re)leitura crítica dos pesquisadores.

Resultados

As representações sociais foram geradas por meio de associações, a partir das quais dois tipos particulares de significados emergiram dos âmbitos pessoais e sociais: a sexualidade vinculada à satisfação, prazer e desejo e; a sexualidade ligada ao controle social e ao poder da heteronormatividade.

A representação social da sexualidade como projeto individual e de autorrealização

apresentou associações ligadas ao prazer, desejo, orgasmos, penetrações, carícias sentimentos, ejaculações, excitações, beijos, masturbação, fantasias, lembranças, imaginação, sensações, “transas”, toques e sexo oral.

Essa categoria expressa o significado da sexualidade como variável pessoal ligada à satisfação das paixões pessoais e internas e como elemento de desfrute consigo e com os/as outros (as). Os exemplos de associações que seguem ilustram essa representação.

Sexualidad, para mí es como tener “sexo” todos los días, o sea, no sé cómo explicarlo pero es todo aquello que usted hace para sentirse “llenita” en la cama y sentir placer [...] Es todo aquello que usted hace, que la hace poner los ojos en blanco, no sé si puedo decir esas palabras aquí en la entrevista, pero bueno para que me entienda mejor, para mi sexualidad es una mezcla que tiene que ver con que alguien te coja bien rico, te la meta, te la saque, te bese, te chupe, todo lo que una hace con un cliente o con un novio para satisfacer los deseos más sucios de la carne (Transmulher-Heterossexual 33, Costa Rica Grupo Focal 3, 2015).

É uma mistura de tudo o que tu fazes com tua namorada ou com teu homem na intimidade [...] é como realizar tuas fantasias sexuais com perversão e amor [...] (Transmulher-Bissexual 32, Brasil, 2014).

Para mí tiene que ver con una mezcla entre excitación, como cuando fantaseas, como cuando te penetran o tu penetras, cuando estas mojada, cuando quieres gritar de placer porque te están haciendo cositas ricas, cuando te acarician tu cuerpo, cuando querés rasguñar las paredes, cuando te chupan los oídos, el cuello, el cuerpo [...] (Transmulher-Heterossexual 35, Costa Rica, 2015).

É tudo o que acontece quando tás sozinha, onde podes expressar teus desejos e podes brincar com teu corpo ou com os outros sem ser julgada, sem ninguém te dizendo que tu és uma aberração [...] Para mim sexualidade é se tocar, que outro te toque, beijar bem gostoso, que gozem na tua cara, é suar, bem gostoso, quando estás transando[...] (Transmulher-Pansexual 33, Grupo Focal 3, Brasil, 2014).

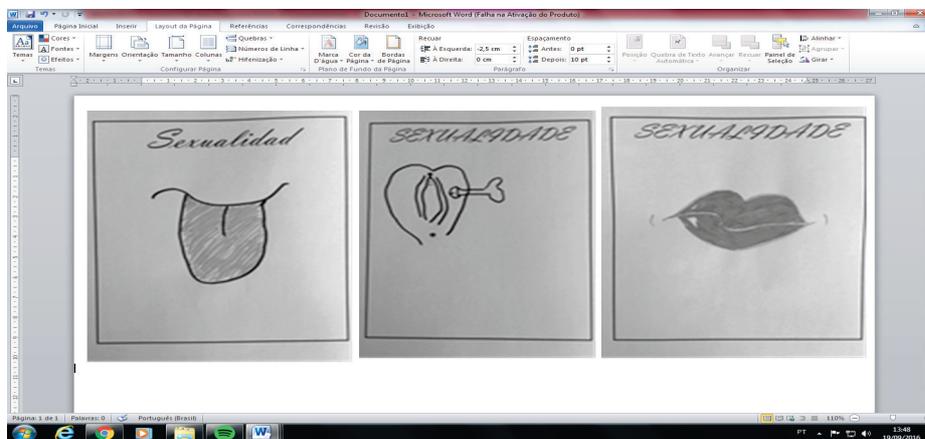


Figura 1 – Desenhos por associação livre com a palavra indutora “Sexualidade” associados aos conceitos de prazer e satisfação das participantes transmulher costarriquenha 9, transmulher brasileira 18 e transhomem brasileiro1 – San José, Costa Rica, 2015.

Por outro lado, temos a representação social da sexualidade como um conceito associado à heterossexualidade (compulsória). Embora alguns participantes tenham conseguido romper esse paradigma identificando-se como pessoas trans-homossexuais, translésbicas, transbissexuais ou transpansexuais, ainda foi possível encontrar nos seus discursos alguns traços de insatisfação, repressão, discriminação e autoestigmatização relacionados com sua identidade sexual do desejo.

Consequentemente, outro fato relevante nessa representação é que ainda aqueles que se identificavam como membros de um grupo sexualmente diverso, associavam a sexualidade à palavra heterossexual (heteronormatividade) e não se sentiam plenamente confortáveis expondo suas escolhas/preferências em um ambiente público (na rua, no lugar de trabalho, no terminal de ônibus, etc.), porque consideravam que, diante dos olhos da sociedade, isso não era o correto (exposição à dupla estigmatização: ser trans e ser sexualmente diverso/a).

Para mim a sexualidade significa ser heterossexual, embora, no meu caso seja diferente. [...] Eu sempre gostei de mulheres e de homens, dos dois, nunca fui totalmente viado, mas sexualidade é ser hétero. (Transmulher-Bissexual 30, Brasil, 2014)

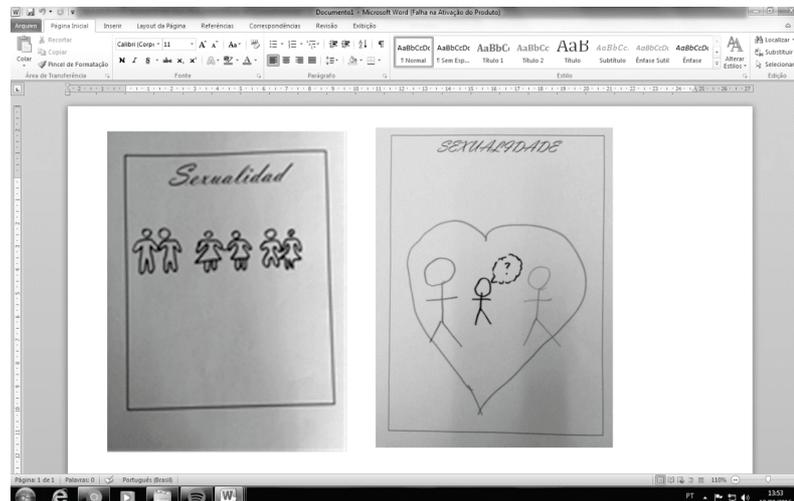


Figura 2 – Desenhos por associação livre com a palavra indutora “Sexualidade” associados ao conceito de heteroflexibilidade das participantes transmulher costarriquenha 32 e transmulher brasileira 30 – San José, Costa Rica, 2015.

Adicionalmente, apareceram alguns depoimentos que argumentavam que, na concepção heteronormativa e patriarcal da sociedade, uma pessoa trans é aquela que é “extremadamente” homossexual ou lésbica e que, portanto, precisa modificar seu corpo para “encaixar”. Esta realidade, ignora o fato de que a identidade de gênero e a identidade sexual do desejo são dois conceitos que coexistem de maneira independente e que, por conseguinte, comportam-se de forma autônoma e separada.

Essa representação social contém associações entre discursos e imagens que expressam claramente outro tipo de significado, que está relacionado com o controle social, com o necropoder, com o domínio das vontades e com a opressão, tópicos todos associados a essa heterossexualidade que é vendida (e obrigada a ser comprada) como compulsória.

Quando usted me pregunta eso (o que significa sexualidade?) la primera cosa que yo pienso es en heterossexualidad, para mi sexualidad es lo que la gente llama de ser heterossexual, y es todo lo que pasa entre un hombre y una mujer (Transmulher-Heterossexual 13, Costa Rica, 2015).

Sexualidade é namorar com o outro que é contrário de ti, ponto final [...] Tipo alguém que gosta do sexo contrário [...]

é conseguir namorar, casar ou morar junto com outra pessoa que é do outro sexo [...] é fazer as coisas normais que todos os casais normais fazem. (Transhomem-Heterossexual 11, Brasil, 2014).

É possível identificar imagens muito claras sobre a sexualidade relativa à impossibilidade de ser “*nothing but heterosexual*”, evidenciando que o núcleo dessa representação estaria formado pelos discursos e imagens metafóricas associadas à heterossexualidade e à normalidade. Como alguns entrevistados colocaram:

Sexualidad es que te gusten los hombres si sos mujer y que te gusten las mujeres si sos hombre. Aunque existen algunas desviaciones que aún nadie las entienda, yo por ejemplo, me descubrí primero como gay, después como bisexual, y finalmente como transmujer. Esto no es normal para nadie, pero ahora que terminé la transición prácticamente estoy lista para tener sexo con cualquiera (Transmulher-Bissexual 7, Costa Rica, 2015).

Sexualidade é a mesma que coisa que ser hetero [...] se você se sente muito atraído por outras pessoas do outro sexo, a gente sabe que isso é a sexualidade normal, homem com mulher e mulher com homem. (Transhomem-Pansexual 5, Brasil, 2014)

As/os participantes recorrem a distintos esquemas argumentativos para expressar suas vivências, sentimentos e pensamentos como seres sexuais homossexuais, bissexuais, pansexuais ou heterossexuais. Nesse sentido, embora explicitem algumas preferências afirmativas ou conclusivas, estas envolvem deslocamentos a argumentos que as tornam algumas vezes contraditórias e/ou pouco neutras diante do dilema essencialismo vivencial heteronormativo vs. construcionismo inclusivo.

As duas representações sociais apresentadas acima parecem bastante estáveis e coerentes, uma vez que não revelam um número significativo de tipos de oposição de pensamento (antinomias). Essas duas representações parecem ser parte de uma ordem estabelecida, em que determinados códigos para o intercâmbio social e outros elementos que são utilizados para nomear e classificar o significado da sexualidade foram — no léxico moscoviciano — “fossilizados” devido às condições de vida social.

Com efeito, consideramos necessário informar que as representações são refletidas e ancoradas nos pensamentos que dominaram o nível estrutural da sociedade na qual as/os participantes se desenvolveram, assim como nas instituições sociais que permearam suas histórias de vida.

Decerto, a primeira representação social da sexualidade relacionada com a autocomplacência, busca de prazer e desejo, contém expressões de autorrealização com foco em si mesmo e na autossatisfação das demandas corporais-sensitivas. Essas expressões de conhecimento do senso comum, refletem uma perspectiva psicológica que diz respeito à sexualidade como um veículo para a satisfação de si: satisfação do desejo.

Esta representação, poderia ser o reflexo da nossa sociedade global hiper-erotizada ou o produto da hiper-genitalização das nossas atuais realidades. Trata-se aqui, de uma possível consequência da implantação de um (nem tão) novo modelo de mercantilização e administração do prazer e dos desejos, que impõe uma forma de expressão sexual (individual e coletiva), cada vez mais mecânica, *genitalizada*, falocêntrica e *desafetiva*.

Contudo, as ancoragens dessa suposição metódica deveram ser analisadas com um enfoque interseccional nesta pesquisa, pois, apesar de obtermos a mesma representação social entre transmulheres e transhomens, seus frutos proveem de duas raízes semânticas diferentes.

No caso das transmulheres, na maioria delas a representação esteve ancorada nas histórias de vida vinculadas às experiências de sexo-serviço e prostituição. Este fato gerou (de forma quase

automática) a associação da sexualidade com a satisfação dos desejos e paixões pessoais e dos outros (clientes e namorados/namoradas).

Tal identificação deve ser admitida, tendo em consideração que esta atividade (o sexo-serviço) era realizada pela maioria das participantes, pois era uma (ou quase a única) possibilidade de emprego plausível a ser desenvolvida (consequência da exposição a um contexto econômico limitado, estigma público e institucional e as barreiras de acesso e permanência no sistema educativo).

Em oposição a isso (ou talvez complementarmente), a ancoragem desta representação no caso dos transhomens, esteve vinculada aos fatores estruturais, categoriais, comportamentais e culturais do machismo latino-americano. Neste ponto, os participantes estiveram expostos desde a infância (e durante toda sua história de vida) a narrativas que reforçaram a supremacia masculina e seus consequentes estereótipos de satisfação de necessidades, desejos, vontades e instintos sexuais-biológicos.

De maneira significativa, essa afirmação foi com frequência validada pelos distintos argumentos que naturalizavam os discursos que relacionam a figura masculina com um ser “tecnonaturalmente” racional e sexual e pouco emocional/passional.

Por outro lado, as expressões de heteronormatividade da segunda representação social, refletem a posição socioantropológica que diz respeito à sexualidade como uma resposta individual às mensagens estigmatizantes, discriminatórias, externas e heterossociais.

Todas as representações mostradas refletem sua composição de linguagem comum, e “*applied common sense*” que descreve a sexualidade com relação a estruturas emocionais, psicológicas e antropológicas; e objetiva esses fenômenos nos atuais contextos socioculturais.

Nesse sentido, essas representações refletem a perspectiva psicoantropológica que vê a sexualidade como uma instituição individual, mas mediada pelo poder e controle social das vivências pessoais, dos contextos e das diversas instituições sociais.

Discussão

Os desdobramentos que surgiram desta pesquisa nos obrigam a reconhecer que somos seres sexualizados desde o nascimento, e adicionalmente que a sexualidade é uma vivência totalmente subjetiva. Destarte, conjugando essas presunções, conseguiríamos concretizar nosso objetivo inicial relacionado com a compreensão das representações sociais ao redor do conceito da sexualidade entre a comunidade trans.

Ao mesmo tempo, porém, é indistigável a dificuldade que se desvela nesta expedição analítica, pois pretender compreender a sexualidade torna-se parecido quanto seria pretender compreender o amor ou aqueles conceitos nos quais a matéria-prima potencial pertence intrinsecamente à subjetividade do ser humano.

Abordar essa questão, a partir de nossa perspectiva, relaciona-se com a análise das técnicas corporais que se materializam em uma gestualidade simbólica e cultural da erótica, porém reprimida pelas normas (prescritivas e reguladoras) heterocispatriciais vigentes. A erótica não se extingue em uma normalidade sexual moralmente aceita, senão que se desdobra nos deleites de um corpo (JACKSON, 2006; KAFER, 2013. BUTLER, 2014).

Nesses termos, alguns mecanismos (de necro/biopoder, controle e punição) buscam o disciplinamento dos prazeres da carne (e o restringem ao campo do privado) e a perseguição de condutas que fogem do dispositivo sociorregulador da sexualidade (mecanismos que tentam medicalizar o diferente, perseguir o objeto e invisibilizar o estranho).

Falamos aqui de um conjunto de instâncias medicalizadoras que se preocupam em diagnosticar e prescrever uma série de comportamentos a um corpo sexuado, no qual as manifestações da carne expressam uma transgressão da ordem biopolítica (FOUCAULT, 2011; HERNANDEZ, 2013).

Todavia, a (auto)estigmatização e a repressão institucional de algumas condições trans ou manifestações ontológicas como categorias identitárias parecem funcionar como solo discursivo para a (re)produção de um modelo de heterossexualidade e cisgeneridade obrigatória que pune outras manifestações da carne no âmbito público.

Um dos mecanismos de significação mais poderosos para o sustento cultural dessas

manifestações se encontra na conexão de significado que articula sexo/gênero/corpo/desejo ao âmbito privado, como cadeia determinista no processo de subjetivação.

Em outras palavras, como axioma não explorado tanto nas explicações cotidianas como nas concepções científicas, segundo o qual o sexo determina o gênero, e estes dois elementos por sua vez determinam os corpos adequados ao desejo dentro de um ambiente privado (BUTLER, 2014).

Dessa forma, fundamentando-nos nesses conceitos, articulamos que a desconstrução dos determinismos sobre os objetos e práticas adequadas ao desejo permitem propor a tese de que nós, os seres humanos, temos a capacidade de constituir os outros em sujeitos de desejo (independentemente do sexo, do gênero, do corpo ou do espaço), sendo os sistemas de regulação da identidade os que limitam culturalmente essas opções.

Assim, com relação à configuração do desejo, as pessoas trans (e o resto das pessoas) se sentem atraídas/os fundamentalmente por estímulos eróticos que correspondem ao outro, ao mesmo, a ambos os sexos ou simplesmente a pessoas, sem importar o seu sexo, gênero ou identidade de gênero (SEIDMAN, 2009; VANCE, 2013).

A partir da perspectiva científica e agora empírica, por meio das representações dos/das participantes desta pesquisa, dispomos de dados e aportes teóricos suficientes para declarar que não existe nada mais plástico e maleável que a própria sexualidade humana. Ora, as negociações das fronteiras identitárias — principalmente as que se relacionam com o desejo e com a erótica — devem ser compreendidas como cinéticas e volúveis.

Até aqui, concordamos com Merleau-Ponty (2011), na afirmação de que a sexualidade é uma realidade existencial, portanto não nos podemos entender sem ela, nem tampouco nossa maneira pessoal de nos situarmos no mundo.

Paralelamente, parece claro que a sexualidade é o modo de viver a própria sexualidade, ou seja, é a maneira de ser transmulher ou trans-homem (podendo isto ser estendido às condições ontológicas cisgenéricas) (BENTO, 2006; LÓPEZ, 2009; LIPSITZ-BEM, 2015).

Fica evidente, com base na leitura das representações sociais apresentadas, que a sexualidade é um ente simultaneamente físico e simbólico, produzido tanto natural como culturalmente, situado em um momento histórico concreto e em uma sociedade determinada, que compreende práticas, entendimentos, palavras, olhares, normas de conduta, regras, genitalidades, orifícios, prazeres, mucosas, ruídos, sussurros, gritos, secreções, discursos relacionados com o desejo e silêncios.

Conclusão

Representar as sexualidades trans e intervir sobre elas parece ser uma forma de fazer política por meio de práticas de desnaturalização ou de transformação dos imaginários do desejo, erótica, prazer e liberdades de escolha ontológicas.

As/os participantes expuseram argumentos que apelavam à manifestação de diversas expressões de prazer, desejo, erótica, e sedução para afirmar suas autonarrações. Tais argumentos demonstram sensibilidades e sexualidades diversas que nos colocam em contato com o outro (des) conhecido por intermédio de várias experiências interpessoais e coletivas.

Em conjunto, os repertórios interpretativos analisados permitem afirmar que as/os participantes constroem seus relatos de sexualidade em um contexto opressivo que se vê caracterizado pela exclusão social. Embora se dissipem os dogmatismos, temores e ignorâncias com relação à sexualidade, ainda prevalecem posturas rígidas que dificultam uma visão autêntica do próprio valor da sexualidade humana.

Socialmente, persiste o (des)conhecimento e o imaginário do modelo reprodutivo da sexualidade (homem-mulher, ambos heterossexuais), fato que impede a coexistência da diversidade em uma das vivências mais importantes e expressivas da condição humana.

A visibilização das sexualidades trans cobra um papel fundamental porque se relaciona com o fato de manifestar sua existência e resistência. As identidades sexuais do desejo e do gênero são complexas e se expressam no âmbito político dentro do dilema da normatização, domesticação e punição.

Para finalizar estes apontamentos, devemos afirmar que este estudo não fornece resultados generalizáveis em um sentido estatístico, mas revela uma tensão entre estabilidade e mudança nas representações da sexualidade entre um grupo de pessoas trans. Reconhecidas essas

especificidades, ele informa sobre o rumo dos futuros debates que devem ser discutidos com relação à sexualidade. Estes achados oferecem também ferramentas que, sem dúvida, poderão ser úteis tanto para as práticas clínicas como escolares, tão urgidas de novos modelos que se articulem em uma epistemologia sexual baseada na integração de conceitos polissêmicos e diversos.

Referências

ARGUELLO-PAZMINO, S. El proceso de politización de la sexualidad: identificaciones y marcos de sentido de la acción colectiva. **Rev. Mex. Sociol.**, México, v. 75, n. 2, pp. 173-200, jun. 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3a ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. **Undoing Gender**. New York/London: Routledge, 2014.

DIAZ, E. **La sexualidad y el poder**. Buenos Aires: Prometeo, 2014.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. São Paulo: Graal, 2011.

HERNANDEZ, F. G. Fronteras morales y políticas sexuales: apuntes sobre 'la política LGBT' y el deseo del Estado. **Sex. Salud Soc.** (Rio J.), Rio de Janeiro, n. 13, p. 43-68, 2013.

JACKSON, S. Gender, sexuality and heterosexuality: the complexity (and limits) of heteronormativity. **Feminist Theory**, v. 7, n. 1, p. 105-121, 2006.

KAFER, A. Compulsory Bodies: Reflections on Heterosexuality and Able-bodiedness. **Journal of Women's History**. v. 15, n. 3, p. 77-89, 2013.

LÓPEZ, F. **Amores y desamores**: Procesos de vinculación y desvinculación sexuales y afectivos. Madrid: Biblioteca Nueva, 2009.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Col. Tópicos, 2011.

PRECIADO, P.B. Multitudes queer: Notas para una política de los 'anormales'. **Revista Multitudes**., París, n. 12, p. 1-3, 2003.

SEIDMAN, S. Critique of compulsory heterosexuality. **Sexuality Research & Social Policy**. v. 6, n. 1, p. 18-28, 2009.

VANCE, C. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1, p. 175-221, 2013.

Recebido em 19 de janeiro de 2017.

Aprovado em 2 de março de 2017.